

Rota 40, Argentina

Por André Dib | Fotos André Dib

A Rota Nacional 40 (RN40), na Argentina, é uma emblemática estrada que corta o país de norte a sul, cruzando pouco mais de cinco mil quilômetros entre desertos, salares, geleiras e lagoas multicoloridas, amparada por picos e vulcões nevados. São 21 reservas e parques nacionais, onze províncias (estados) e pouco mais de sessenta povoados, entre cidades e vilas margeando o caminho que segue paralelo à cordilheira dos Andes. O cenário é, pra dizer o mínimo, insólito. Percorrer essa distância imensa, de carro, num primeiro momento, pode parecer insano, impensável e distante da realidade de qualquer “cidadão comum”. Para encarar uma empreitada dessa magnitude, temos que levar em consideração os 2,7 mil quilômetros de Ribeirão Preto, nosso ponto de partida, à La Quiaca, para o início da jor-

nada, mais 5,2 mil quilômetros pelo curso da Rota 40, e ainda não podemos nos esquecer da volta. Portanto, consideremos pelo menos 12 mil quilômetros de estrada a serem vencidos.

Parece uma viagem desafiadora, mas, com certa dose de precaução e seguindo algumas dicas, ela é perfeitamente possível. Um dos motivos é que o país possui uma rede de rodovias em bom estado, bem sinalizadas, e mesmo nos trechos de terra elas são mais trafegáveis que muitas estradas asfaltadas brasileiras, acredite! O risco de assaltos praticamente inexistente. Vale destacar também que em todo o país, mesmo atravessando os ambientes mais desoladores, sempre chegávamos a confortáveis pousadas e hotéis, muitas vezes erguidos no meio do deserto ou na



imensidão das estepes patagônicas, surgindo como miragem, a preços muito mais generosos que no Brasil. Outro ponto positivo, é que o peso tem se desvalorizado em relação ao real, portanto pode ser mais barato cruzar o país dos “hermanos” do que rodar em terras brasileiras. Quer mais um motivo, substancial? Esse recôndito caminho argentino é um dos mais belos da América (e do mundo, diga-se de passagem). Para encarar isso é preciso planejamento adequado, um carro confiável e, claro, o intrépido espírito de aventura.

Para quem não dispõe de tanto tempo, é possível ainda encurtar as distâncias e chegar de avião. Alugar um carro no norte do país, e descer toda a RN40, que segue permeando a cordilheira dos Andes até o sul. Existem locadoras de veículos que

permitem pegar o carro em San Salvador de Jujuy, a capital da província mais setentrional, que faz fronteira com a Bolívia, e entregá-lo em Rio Gallegos, no outro extremo do mapa. Outra opção é pinçar os melhores pontos, ligá-los de avião e alugar um veículo para explorar os atrativos de cada destino, pontualmente. Mas, convenhamos, não é a melhor escolha. Embora numa viagem de carro já tenhamos os pontos de saída e chegada pré-definidos, ela nos permite vivenciar o caminho que se modifica a cada curva. Do alto e acima das nuvens, perde-se a paisagem, o contato com a cultura local e não nos permite uma parada para curtir a paisagem, fotografar, ou simplesmente contemplar um pôr-do-sol, sem o menor compromisso com horário ou com roteiros pré-estabelecidos. Nas páginas que seguem, preparamos uma reportagem que será publicada em duas edi-

ções, sobre os 16 mil quilômetros rodados, e pretendemos oferecer-las como um convite aos apaixonados pelos desafios, pela liberdade e pelas peculiares experiências propiciadas por uma verdadeira jornada *on the road*.

O início da Rota 40

Dessa vez o começo da viagem não é no aeroporto, como de costume. Estamos em Foz do Iguazu, numa das portas de entradas mais utilizadas para a Argentina. É preciso checar os últimos detalhes para ingressar em terras argentinas. Partindo da fronteira, seguimos pela província de Misiones, com uma pausa em Roque Saenz Peña, para nos munir de mapas rodoviários e para pernoitar antes de seguir a La Quiaca, destino que marcará o ingresso na mítica Rota 40. La Quiaca, cidade fronteiriça, localizada no altiplano andino, a 3600 metros de altitude, é marcada pelos traços indígenas estampados no rosto e nas vestimentas da população local. Evidências da cultura atacamenha e aimará. A beleza rude das paisagens e o recorte abrupto das montanhas, repartidas em cores, determinam o início da jornada. Os primeiros setecentos quilômetros da tão almejada rodovia nacional avançam pelos

meandros mais isolados do país, e é composta pela rudimentar estrada de cascalho, popularmente conhecido como “rípido”. A conservação do caminho nos permitiu seguir em boa marcha. A estrada, mesmo sendo de terra, se manteve impecável, sempre, o que torna perfeitamente possível percorrê-la em carros de passeio. Evidentemente um 4X4 é mais confortável e seguro. O percurso seguiu por um ambiente quase sempre desértico, composto por uma vegetação rala e grandes formações pedregosas e areias de um vermelho profundo.

Susques e o deserto de Jujuy

Em Susques, cidadezinha singela, erguida em adobe, fizemos a primeira parada. Essa paragem tem uma beleza enigmática, e já foi uma antiga encruzilhada utilizada pelos povos atacamenhos, que ligava o altiplano a uma passagem pela cordilheira rumo a terras baixas, onde é hoje o Atacama, no Chile. Entre as civilizações que habitaram a região estão os Likan Antay, que deixaram suas marcas através de edificações e muralhas de pedras, chamadas de pukará. As ruas empoeiradas da vila também foram palco de lutas e conquistas das histórias de Bolívia, Chile e Argentina. No centro do povoado encontram-se duas capelas



antigas, erguidas de barro. A igreja de Nossa Senhora de Belém Susques foi construída em 1598 pelos moradores locais, e é o primeiro santuário cristão erguido na província de Jujuy. Aproveitando a independência e as possibilidades que uma viagem de carro nos permite, desviamos do traçado da 40 para conhecer o salar de Olaroz, pela asfaltada e impecável RN52, até as imediações do Paso Jama, que delimita as fronteiras da Argentina com o Chile. A secura faz arder os olhos e o nariz, e a altitude põe a prova todo e qualquer cidadão que vive em terras baixas, como nós brasileiros. É recomendável mascar folhas de coca, que nivela a pressão sanguínea e abre os alvéolos pulmonares, ajudando na adaptação à altitude. Amparado por cadeias de montanhas, o deserto de sal que buscávamos vai surgindo no horizonte, deixando ainda mais belo o cenário à nossa frente. Apesar da incalculável riqueza natural e do imenso apelo turístico, o lugar é explorado apenas por mineradoras que retiram salitre e lítio desse antigo lago salgado. Voltando à Rota 40, seguimos para San Antônio de Los Cobres, nosso próximo destino.



Esse maravilhoso mundo mineral se estende por mais de 25 quilômetros, e se assemelha a um grande glaciar de pedras brancas, de superfície rosada, que ao longo dos anos vem se modificando, esculpidas pela ação dos ventos.

No caminho, mais um salar, conhecido como Grandes Salinas. Trate-se de uma imensa depressão esbranquiçada, com pouco mais de oito mil km², formada pela evaporação de uma grande lagoa, há milhares de anos. Caminhar pela imensidão branca, por entre os polígonos trincados no chão, nos trás a sensação de estarmos flutuando, como num sonho. Dali trabalhadores extraem grandes blocos de sal, para a indústria, cavando o salar e formando piscinas retangulares e esverdeadas, conhecidas como piletas, criando um grafismo de rara beleza.

San Antônio de Los Cobres

San Antônio de Los Cobres é um daqueles lugarejos em que o tempo se esqueceu de caminhar. Chegamos ao final da tarde e cruzamos as ruelas de terra sem encontrar viva alma, como se atravessássemos uma cidade fantasma. O povoado está a quase 4 mil metros de altitude e é um dos povoados mais altos do país. Ficou conhecido pelo viaduto La Polvorilla, ergui-



do em estruturas e vigas de aço, no início do século passado, e é considerado uma das grandes obras da engenharia em um dos trechos ferroviários mais altos do mundo. Hoje é um atrativo turístico por ser ponto de parada do famoso Tren a las Nubes. Ali pernoitamos na confortável Hosteria de las Nubes, com direito a um bom vinho de altura e à mais típica comida argentina. Logo cedo, saímos para conhecer o povoado e conversar com a gente simples dali. Todo isolamento, ao invés de criar um povo arredo, possibilitou modos extremamente acolhedores. Os homens se dedicam ao trabalho nas minas e as mulheres tem a tecelagem como principal fonte de renda, utilizando técnicas que lhes são transmitidas de geração em geração.

As cores de Catamarca

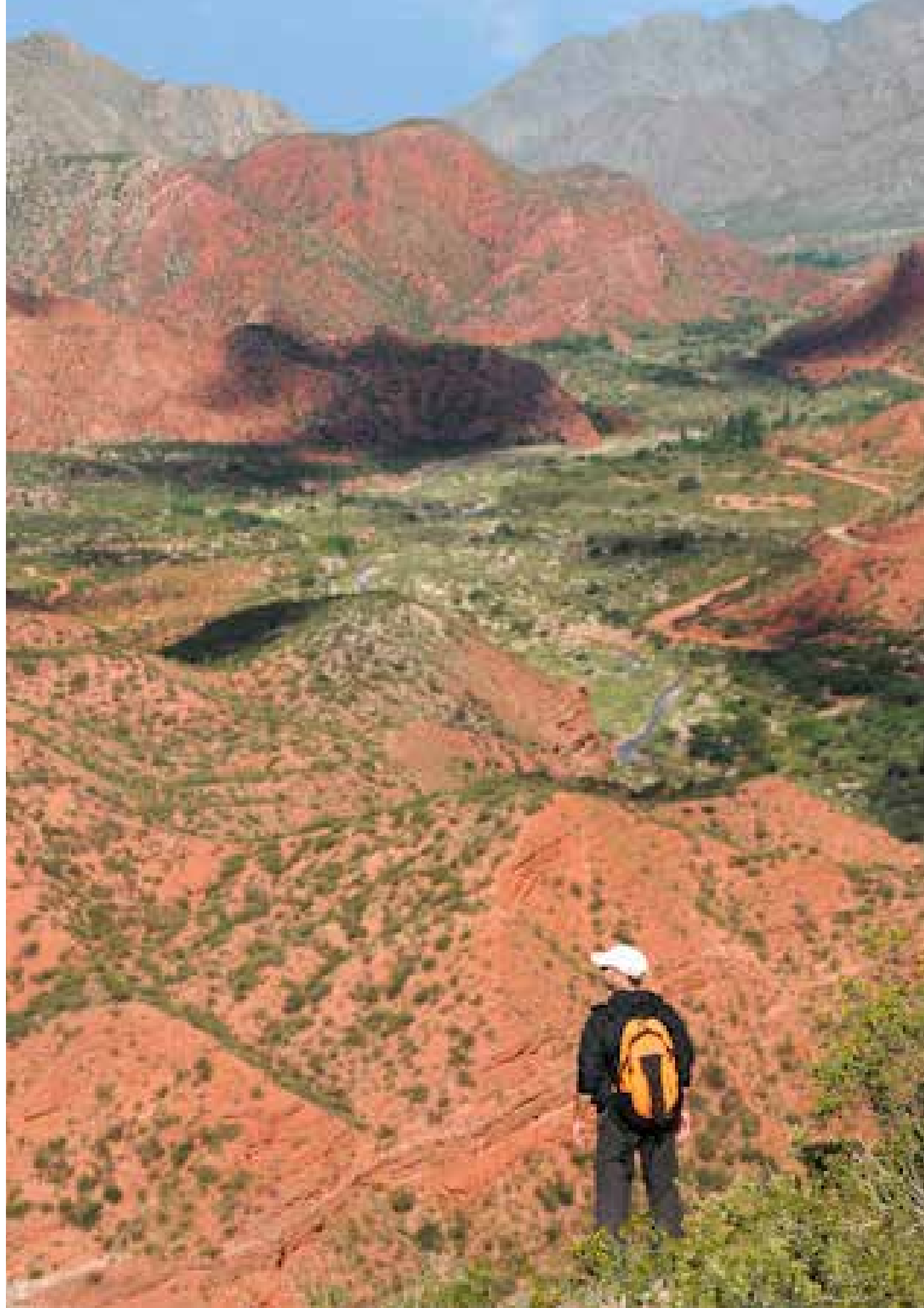
Entramos em Catamarca, e o solo pedregoso e avermelhado vai ganhando centenas de tons e semitons ainda mais intensos, enquanto lagunas de todas as cores invadem o cenário, como numa alquimia da natureza, nos fazendo duvidar da sua

real existência. Desviamos novamente da RN40 em direção a El Peñon, pequeno distrito de Antofagasta de La Sierra, região cercada por mais de duzentos vulcões. As províncias que mais atraem os visitantes no noroeste do país são as de Salta e Jujuy, mas podemos dizer que a Catamarca determina um dos pontos altos da viagem. Desconhecida e isolada, a província ostenta uma das paisagens mais estonteantes da Argentina, e se oferece como roteiro exclusivo àqueles que gostam de sair dos caminhos mais manjados, em busca da natureza em sua mais pura forma de expressão. Vale destacar alguns pontos: o salar de Hombre Muerto, com uma laguna azul celeste no centro, e a Laguna Grande, que aflora no deserto a mais de 4 mil metros de altitude e que serve de habitat para mais de 20 mil flamingos andinos. Outros pontos imperdíveis são o vulcão Carachi Pampa, composto por rochas negras a contrastar com uma laguna vermelha, a seus pés, e os Campos de Pedra Pome, formado pela espuma de lava incandescente, que foi se solidificando após sucessivas explosões vulcânicas. Esse maravilhoso mundo mineral se estende por mais de 25 quilômetros, e se assemelha a um

grande glaciário de pedras brancas, de superfície rosada, que ao longo dos anos vem se modificando, esculpida pela ação dos ventos. É possível fazer um trekking pelos intrincados labirintos das Pomes, que marcam uma das mais belas paisagens de todo o percurso. A presença de um guia é indispensável!

La Rioja

A partir de El Peñon pegamos o asfalto, sempre impecável, para descer às terras baixas de Catamarca, passando pelos cânions de Hualfín e seguindo em direção à província de La Rioja. Nos despedindo definitivamente do rípio e da altitude da Puna Andina. De Belén a Chilecito, grandes retas marcam um trajeto monótono, rompido apenas pelas plantações de oliveiras e os parreirais. A Rota 40 é um caminho que não cansa de se transformar. La Rioja também faz parte do circuito nacional dos vinhos, e os vinhedos mais importantes se encontram no vale de Famatina, cortado pela 40. A origem das primeiras plantações de uva remonta ao século 16, com a chegada dos conquistadores



espanhóis e os jesuítas, que utilizavam o vinho em seus rituais. Além de produzir os premiados malbecs curtidos em barricas de carvalho, o torrонтés talvez seja a cepa que mais expresse o orgulho riojano. A partir dali, atravessamos os desfiladeiros da Costa de Miranda, ornamentado por elegantes e simétricos cactos gigantes, até Villa Unión, nas terras baixas do oeste da província. A pequena vila serve de base para o Parque Nacional Talampaya, criado em 1975 para proteger 215 mil hectares com um dos mais importantes sítios paleontológicos e antropológicos do país. Talampaya é composto por imensas paredões verticais, de arenito, que se espicham a mais de 150 metros de altura, proveniente do período triássico. Dunas, crateras, abismos e cânions resultantes de erosões milenares compõem um cenário meio lunar. Importantes sítios arqueológicos, estampados em figuras zoomórficas e geométricas, estimadas em mais de 40 mil anos, testemunham a passagem do homem pré-histórico por ali. É possível conhecer Talampaya em excursões guiadas, de carro, que saem da portaria principal do parque. O mesmo trajeto pode ser percorrido de bicicleta ou em caminhadas que duram de 3 a 5 horas, sempre com a presença de um guia.



Mendoza

Depois de mais de cinco mil quilômetros rodados, cortando desertos e pampas intermináveis e atravessando uma das regiões mais isoladas do país, a necessidade de um centro urbano se tornava evidente. Diante disso, esticamos de uma só vez até Mendoza. Considerável metrópole situada aos pés da cordilheira dos Andes, é conhecida pelas vinícolas mais famosas da Argentina. O município aparece como um oásis, no meio da vegetação semiárida do oeste argentino. Toda arborizada, a cidade é cortada por uma rede de canais que traz a água do degelo da cordilheira, irrigando e mantendo o verde pujante, nos quatro cantos da cidade. Muito bem representada pela boa culinária, aproveitamos para curtir a gastronomia e degustar uma série escolhida de bons vinhos. Energia recuperada, desviamos novamente da 40 para seguir ao Parque Provincial do Aconcágua. Subimos a cordilheira pela RN7, e seguindo o rio Mendoza, em direção ao Chile, com dezenas de picos nevados no entorno. O caminho é a própria síntese da beleza. O monte Aconcágua possui 6962 metros de altitude e figura no circuito dos Sete Cumes, que consiste na escalada da maior montanha de cada continente, por ser a mais alta das Américas. Isso acaba despertando o interesse de milhares de montanhistas no mundo



todo. Presente no imaginário das pessoas desde o passado a “Sentinela de Pedra”, como é conhecido no dialeto aimará, tem instigado homens a se aventurar pelo mais colossal cerro andino. Existem evidências da presença dos Incas há mais de cinco séculos, nos flancos escarpados da montanha. Segundo o arqueólogo José A. Ballenas, os Incas veneravam as montanhas e as tinham como locais sagrados. O cume de uma montanha funcionava como antenas que captavam a informação da terra e do

cosmos. Os jovens Incas, ligados à nobreza, deveriam subir no alto de uma montanha para encontrar o seu destino, e a razão de sua existência seria revelada ali, soprada por algum vento. O principal apelo do caminho, para mim, que já o escalei em 2010, não é outro se não esse: vislumbrar o gigante! Depois de cruzar desertos de sal e a aridez desoladora da Puna, voltamos à rota 40, mais uma vez em direção ao sul, para descobrir as paisagens ainda mais impressionantes desse multifa-



cetado país. Agora teremos os bosques de Lengas, os rios de águas azul turquesa e os extensos campos de flores da Patagônia, onde as intempéries naturais fazem parte do cotidiano das pessoas, os vulcões expelem lavas e a natureza pulsante enche de vida essa terra longínqua onde prevalece o silêncio, grandes espaços vazios e o sentimento intrínseco de solidão, fazendo desse trajeto uma viagem de muitos sentidos.

Serviço:

A Puna alto andina, ou Altiplano, corresponde a uma região de altitude formada por um platô que se estende por entre os picos mais altos, nos Andes Centrais. Estão entre os 3200 e 4500 metros de altitude, por isso se trata de uma região com baixa pressão atmosférica, menor difusão de oxigênio e climas extremos e rigorosos. No inverno as temperaturas atingem facilmente os 20° negativos. Todos estes fatores criaram condições de vida únicas, fazendo da Puna uma região com alto grau de endemismo e constituindo uma região de riqueza geológica e biológica incalculável. A região também já foi palco de muitas civilizações pré-colombianas.



Foz do Iguaçú

★ ★ ★ Hotel Florença Iguaçú

Rodovia das Cataratas, Km 16,7 - Foz do Iguaçú - Paraná

Tel. 45 3529.7755

www.hotelflorenca.com

Roque Saenz Peña

★ ★ ★ ★ Hotel Atrium Gualok

San Martin, 1198 – Presidência Roque Saenz Penha - Chaco

Tel. 054 364 442.0500 / 443.0622

www.atriumgualok.com.ar

La Quiaca

★ Hosteria La Candelária

Pasaje La Quiaca Vieja, 1 – La Quiaca – Jujuy

Tel. 054 3885 422.506 / 1562.9939

www.argentinaturismo.com.ar/lacandelaria/



Susques

★ ★ ★ Hosteria El Unquillar

Ruta Nac 52, Km 219 – Susques – Jujuy

Tel. 054 3887 490.201

San Antonio de los Cobres

★ ★ ★ ★ Hotel de Las Nubes

Ruta Nac 51 – San Antonio de los Cobres – Salta

Tel. 054 387 490.9059

www.hoteldelasnubes.com

El Peñon

★ ★ ★ ★ Hosteria de Altura El Peñon

Ruta Pcal 43 – El Peñon – Antofagasta de La Sierra – Catamarca

Tel. 054 387 15517.1252

www.hosteriaelpenon.com



Belén

★ ★ ★ ★ Hotel Belén

General Belgrano – esquina c/ Cuba – Belén – Catamarca

Tel. 054 3835 46.1501

www.belencat.com.ar/

Villa Unión

★ ★ ★ ★ Hotel Pircas Negras

Ruta Nac 76 – Acceso Sur – Villa Unión – La Rioja

Tel. 054 3825 47.0611

www.hotelpircasnegras.com

Mendoza

★ ★ ★ Cóndor Suites Apart Hotel

Julio Leonidas Aguirre 90, 5500 – Mendoza

Tel. 054 261 405.4440

www.condorsuites.com ☰